

Os mitos da investigação, a investigação dos mitos: uma leitura do “Compêndio Mítico do Rio de Janeiro”, de Alberto Mussa

Henrique Balbi¹

Resumo

Hoje, quando a palavra “mito” ganha ampla circulação e sentido obscurantista, há mais razões além das literárias para estudar o projeto mais recente de Alberto Mussa, o “Compêndio Mítico do Rio de Janeiro”. Série de romances policiais com fundo histórico, ela pretende investigar literariamente os fundamentos mitológicos da vida carioca, o que se poderia extrapolar para o Brasil todo. Este trabalho busca entender se e como essa investigação mitológica se liga à construção dos investigadores na obra de Mussa, comparando-os à síntese de Ricardo Piglia (em *O Último Leitor*, por exemplo) sobre os investigadores do romance de enigma (como Sherlock Holmes) e de detetives (como Philip Marlowe). Para Piglia, o fato de os primeiros serem frequentemente indivíduos excêntricos, que resolvem o crime motivados pelo desafio intelectual, tem a ver com a sociedade inglesa que retratam, desconfiada das instituições e dos interesses que corromperiam o desenrolar da investigação. Nos detetives, Piglia vê investigadores que resolvem os crimes por meio de um corpo a corpo com os suspeitos, uma experiência prática; além disso, não são diletantes, mas profissionais: um contrato, um acordo, a expectativa de pagamento garantem a autonomia e a idoneidade da investigação; sintomas da sociedade norte-americana retratada, pragmática e confiante nas soluções do mercado. Em ambos os casos, de todo modo, nota-se o valor do distanciamento, da isenção e da imparcialidade como condição para solucionar o crime. Não em Mussa: nela há investigadores que se envolveram afetivamente com suspeitos ou vítimas, e até um caso em que o próprio narrador assume a função de elucidar os casos. Será que a profunda implicação dos investigadores de Mussa nos crimes que devem solucionar não representa um desnudamento do mito do investigador imparcial, isento, distanciado a priori, como Holmes e Marlowe?

Palavras-chave

Alberto Mussa; romance policial; Ricardo Piglia

¹ Doutorando no programa de Literatura Brasileira na FFLCH-USP; mestre em Filosofia (Estudos Brasileiros) pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP; graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela ECA-USP. E-mail: henriquebalbi92@gmail.com

O romance policial é um dos modelos decisivos para o projeto “Compêndio Mítico do Rio de Janeiro”, de Alberto Mussa. Na série de cinco livros, o escritor carioca sempre inicia a narrativa com uma morte, cuja investigação estruturará o restante do enredo e cuja elucidação, com frequência, o encerrará. Assim, o gênero narrativo tornado célebre por Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie é fundamental para compreender o projeto de Mussa, junto com a ambientação no Rio de Janeiro, a intriga de adultério (conflito frequente nas obras, envolva ele o protagonista ou não) e o diálogo com um mito, o mais das vezes oriundo de culturas de matriz africana ou ameríndia.

Porém, como a tradição do romance policial é ampla e heterogênea, é preciso especificar melhor nosso ângulo de análise do projeto de Mussa. Propomos um foco na figura do investigador, que é um elo entre os romances de Mussa e as histórias policiais. Comentando os textos de Poe que estrelam o detetive C. Auguste Dupin, como *The Murders in the rue Morgue*, Jorge Luis Borges viu ali a gênese do romance policial, justamente por apresentarem de modo mais acabado seus elementos essenciais, entre eles a figura do investigador. Tomemos a trilha de Borges e passemos a seu fã, Mussa. A extensão aqui prevista não nos permite observar todos os investigadores dos cinco romances do “Compêndio Mítico do Rio de Janeiro”, os livros *O Trono da Rainha Jinga* (1999), *O Senhor do Lado Esquerdo* (2011), *A Primeira História do Mundo* (2014), *A Hipótese Humana* (2017) e *A Biblioteca Elementar* (2018). Será preciso nos determos nos investigadores dos livros de 2011 a 2017, por serem os mais peculiares à obra de Mussa, mais afastados do típico investigador do romance policial no senso comum. Convém apresentá-los.

Em *O Senhor do Lado Esquerdo*, o investigador é Baeta, perito que introduz a datiloscopia à polícia do Rio de Janeiro no início do século XX. Criado na encruzilhada de um pensamento cientificista (por parte do pai, engenheiro) e de um pensamento mais heterogêneo (por parte da mãe, que viveu a mistura de credos e filosofias da população carioca), Baeta deve elucidar a morte do secretário da presidência da República, ocorrida na Casa das Trocas, clínica que, em certas noites, de extrema discricção, abriga trocas de casais e outras experiências sexuais pouco alardeadas publicamente (de que Baeta, inclusive, participava ainda antes do crime). O principal suspeito, Aniceto, logo

desperta uma rivalidade em Baeta; disputam conquistas amorosas, por exemplo Guiomar, esposa do perito.

Em *A Primeira História do Mundo*, o investigador é o próprio narrador, uma figuração do autor. Alegando privilegiar a clareza na exposição de circunstâncias, motivações e evidências, ele toma para si o papel de conduzir a investigação pelas atas e documentos que restaram a respeito de um crime supostamente verídico, o primeiro homicídio ocorrido no Rio, ainda no século XVI: a morte do serralheiro Francisco da Costa, esposo da enigmática Jerônima Rodrigues.

Em *A Hipótese Humana*, o investigador é Tito Gualberto Carvalho, sobrinho ilegítimo da mulher de Chico Eugênio, patriarca de uma família de posses do Catumbi, em meados do século XIX. Com livre trânsito pela casa-grande e pela senzala, capoeirista e professor de latim, Tito é convocado por Chico Eugênio e pelo genro dele para investigar a morte de Domitila, filha e esposa muito querida, e muito avessa a se submeter aos dois. Tito se vê numa situação delicada, pois logo antes da morte de Domitila ele e ela estavam em pleno ato sexual; assim, sua investigação deve revelar apenas as informações cruciais para a elucidação da morte, excluindo as que sugeriram o adultério.

Mesmo nessa breve síntese, os três investigadores de Mussa apresentam um traço comum: são parte interessada, isto é, têm uma participação cuja natureza contraria os princípios de isenção tipicamente associados à condição de partida ideal (ao menos no senso comum) de investigação. No caso de Baeta, há seu histórico com a Casa das Trocas e a disputa pessoal com Aniceto; no caso do narrador de *Primeira História*, ele simultaneamente investiga o caso e arranja os elementos da narrativa; no caso de Tito, ele estava implicado na cena do crime e tentava ocultar seu envolvimento.

O desvio que esse envolvimento significa na tradição do romance policial fica explícito se recuperarmos um breve panorama do gênero, conforme a leitura de Ricardo Piglia. O escritor e crítico argentino trabalhou histórias policiais tanto em sua obra ficcional (como os romances *Dinheiro Queimado*, *Alvo Noturno* e *O Caminho de Ida*) quanto em seus ensaios. O que comentaremos a seguir aparece no capítulo “Leitores imaginários”, sobre detetives, do livro *O Último Leitor*.

Nele, Piglia traça uma linhagem do romance policial a partir da figura dos investigadores. Identifica alguns marcos: uma vertente chamada “romance de enigma”,

ilustrada pelo Dupin de Edgar Allan Poe, mas cujo ápice se encontra na Inglaterra, com Sherlock Holmes; e outra norte-americana, a de Philip Marlowe, de Raymond Chandler. No “romance de enigma”, por exemplo, Piglia identifica certos atributos comuns: o investigador tem um ar aristocrático; é um celibatário; oferece seus dotes de raciocínio e investigação quase que por espírito lúdico, de modo praticamente desinteressado; se recebe compensação financeira, ela não tem um impacto decisivo para prover seu modo de vida. É o caso de Dupin e de Holmes.

Ao atravessar o Atlântico, o romance policial sofre mudanças profundas. Piglia destaca alguns textos da parceria de Borges e Bioy Casares como “limite e paródia” (PIGLIA, 2006, p. 92), algo evidente no próprio nome do investigador ficcional que inventam. Preso numa cela, sem nenhum contato com a cena do crime que deve investigar, praticamente sem se mover, Isidro Parodi consegue encontrar uma solução apenas com a força de seu intelecto, com seu rigor de raciocínio e de lógica – uma caricatura dos poderes dos protagonistas dos “romances de enigma”.

Por fim, está o *thriller* norte-americano, ou *hardboiled*, ilustrado por Philip Marlowe. Agora, o investigador vira um detetive particular, *private eye*, contratado por agentes privados para resolver crimes e conflitos. Se na variante inglesa o desinteresse financeiro era um fiador da idoneidade da investigação, aqui se tem o contrário: o contrato garante que o detetive, por profissionalismo, alcance um resultado idôneo. Piglia atribui a diferença a uma questão de contexto cultural: se no Velho Mundo as posições de hierarquia e de classe serviam de esteio para a sociedade como um todo, com o vínculo financeiro podendo atuar como corruptor dos valores morais (por isso, o dinheiro importa pouco ou nada para Dupin ou Holmes), no Novo Mundo e sua ética mais abertamente capitalista o vínculo financeiro se torna a grande referência, centro de gravidade do tecido social, por isso sinônimo de profissionalismo e seriedade. Isso reverberará também nas soluções: o “romance de enigma” encena quebra-cabeças de arranjo intrincado, com as mais variadas motivações; *hardboiled* costuma se concentrarem conflitos próprios ao fluxo do dinheiro numa sociedade capitalista, como espionagem industrial, especulações, propinas, delações, chantagens e negócios escusos em geral. Em outro texto, Piglia resume esse tipo de narrativa como uma espécie de ilustração de uma frase de Brecht, para quem o crime de roubar um banco não se compara ao de fundar um (PIGLIA, 2014, p. 57).

Se voltarmos a Mussa, repararemos que os seus *investigadores envolvidos* revelam, pelo contraste, um pressuposto comum aos investigadores comentados por Piglia: sempre começam distanciados, afastados, *isentos* de participação nos casos que devem investigar. Seja no modelo inglês, seja na sátira argentina, seja devido a um desinteresse material, seja devido a seu oposto, o distanciamento aparece quase sempre e atua com frequência como pressuposto da idoneidade e da confiabilidade das investigações – algo já detectável em Dupin, de Poe, o investigador original. Ainda que no decorrer das narrativas os investigadores se vejam crescentemente envolvidos com os outros participantes, em prejuízo à sua isenção, isso é sempre visto como um desvio, condenável, um erro no desenrolar do processo, e quase nunca como uma condição *a priori* – para o bem e para o mal.

Desse modo, Mussa testa em seu laboratório ficcional um problema que os marcos canônicos do romance policial não costumam desenvolver, apesar de sua ampla ocorrência no mundo real: e se os investigadores forem parte interessada nos crimes que devem investigar? É possível alcançar a verdade, alguma verdade?

Nossa hipótese é de que Mussa acredita que sim, mas apenas no caso de uma verdade especial: a verdade *mítica*. As circunstâncias e as causas do crime específico, tratado nas suas narrativas, importam na medida em que revelam os mitos da sociedade em que houve os crimes. E, para alcançar essa verdade, subjacente ao tecido social de modo confessado ou não, é preciso reconhecer que todos temos nossos próprios mitos: toda cidade, todo grupo, toda classe, toda pessoa têm como fundamento uma narrativa mítica toda sua. É o caso, por exemplo, dos investigadores mais marcantes do romance policial, construídos sobre uma imagem de distanciados, isentos, *objetivos* – é este o seu mito, o da razão fria, lógica, neutra. Nos seus romances, Mussa transformará numa condição de partida do romance policial o que era julgado um desvio; e, considerando o noticiário brasileiro dos últimos tempos, os desdobramentos e as consequências dessa alteração parecem de máximo interesse para se entender um país cada vez mais enredado em crimes, mitos e pretensas neutralidades.

Referências Bibliográficas

MUSSA, Alberto. *A Hipótese Humana*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. *A Primeira História do Mundo*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. *O Senhor do Lado Esquerdo*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. 1a. ed. Barcelona, Penguin Random House, 2014 (Debolsillo).

_____. *O Último Leitor*. Trad. de Heloisa Jahn. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras.